

POR UMA AÇÃO DE FEITO EXCEPCIONAL NA CAMPANHA DA ITÁLIA: AS CARTAS DO ASPIRANTE JOSÉ JERÔNIMO DE MESQUITA

POR UN HECHO EXCEPCIONAL EN LA CAMPAÑA ITALIANA: CARTAS DEL ASPIRANTE JOSÉ JERÔNIMO DE MESQUITA

FOR AN EXCEPTIONAL FEAT IN THE ITALIAN CAMPAIGN: LETTERS FROM THE OFFICER JOSÉ JERÔNIMO DE MESQUITA

Fabio da Silva Pereira ¹
Florence Alencar Moreira ²
Cláudia Cristina de Mesquita Garcia Dias³

Resumo

O artigo tem por objetivo analisar a rápida ascensão de um personagem icônico da Força Expedicionária Brasileira (FEB). Neto e bisneto de Barões do Império, o aspirante José Jerônimo de Mesquita foi o primeiro oficial a morrer em campo de batalha no Vale do Rio Serchio, norte da Itália. No entanto, a biografia, os ritos e cerimônias dedicados ao combatente, 75 anos após o evento, são escassos. As cartas analisadas revelam o perfil do jovem idealista que seguiu para a guerra, face às perspectivas traçadas pela profissão ao qual se formou. Ademais, a educação militar da reserva sofreu, no período, uma profunda transformação no Brasil, fato que permitiu José Jerônimo participar do Grupamento Tático. Os resultados mostram que o contingente que foi para a Itália na primeira fase sofreu o choque entre as doutrinas nacionais, sob influência da Missão Militar Francesa, e as praticadas em solo italiano, coordenado pelos Estados Unidos da América.

Palavras-chave: Educação Militar. Força Expedicionária Brasileira (FEB). Biografias.

Resumen

El artículo tiene como objetivo analizar el rápido ascenso de un personaje icónico de la Fuerza Expedicionaria Brasileña (FEB). Nieto y bisnieto de Barões do Império, el aspirante José Jerônimo de Mesquita fue el primer oficial en morir en el campo de batalla en el valle del río Serchio, al norte de Italia. Sin embargo, la biografía, ritos y ceremonias dedicadas al combatiente, 75 años después del hecho, son escasas. Las cartas analizadas revelan el perfil del joven idealista que fue a la guerra, dadas las perspectivas esbozadas por la profesión en la que se graduó. Además, la formación militar de la reserva sufrió, en el período, una profunda transformación en Brasil, hecho que permitió a José Jerônimo participar en el Grupo Tático. Los resultados muestran que el contingente que se dirigió a Italia en la primera fase sufrió un enfrentamiento entre las doctrinas nacionales, bajo la influencia de la Misión Militar Francesa, y las practicadas en suelo italiano, coordinadas por los Estados Unidos de América.

¹ Universidade Salgado de Oliveira, RJ, Brasil. E-mail: fabio.pereira.historia@gmail.com.

² Universidade Salgado de Oliveira, RJ, Brasil. E-mail: floralencar2@gmail.com .

³ Universidade Salgado de Oliveira, RJ, Brasil. E-mail: claudiamesquitta@gmail.com.

Palabras clave: Educación Militar. Fuerza Expedicionaria Brasileña. Biografías.

Abstract

The article aims to analyze the rapid rise of an iconic character of the Brazilian Expeditionary Force (FEB). Grandson and great-grandson of Barons of the Brazilian Empire, the aspirant José Jerônimo de Mesquita was the first officer to die on the battlefield in the Serchio River Valley, northern Italy. However, the biography, rites and ceremonies dedicated to the combatant, 75 years after the event, are scarce. The analyzed letters reveal the profile of the young idealist who went to war, given the perspectives outlined by the profession to which he graduated. In addition, the military education of the reserve underwent, in the period, a deep transformation in Brazil, a fact that allowed José Jerônimo to participate in the Tactical Group. The results show that the contingent that went to Italy in the first phase suffered a clash between national doctrines, under the influence of the French Military Mission, and those practiced on Italian soil, coordinated by the United States of America.

Keywords: Military Education. Brazilian Expedition Force. Biographies

1. INTRODUÇÃO

Esse artigo pretende lançar luz sobre a trajetória de José Jerônimo de Mesquita, voluntário da Força Expedicionária Brasileira (FEB) e primeiro oficial a morrer em campo de batalha no Vale do Rio Serchio, norte da Itália, aos vinte anos incompletos. Embora tratando-se de um personagem icônico da Força Expedicionária Brasileira (FEB), os ritos e cerimônias dedicados a José Jerônimo, 75 anos após o término da Segunda Guerra Mundial, são escassos, bem como trabalhos acadêmicos dedicados à sua trajetória.

Porém, como sabemos, “a história não é apenas uma narrativa da memória, mas também do esquecimento” (RICOEUR, 2007) e, nesse sentido, lacunas, silêncios, e ausências sobre o “esforço de guerra do Brasil, a sua atuação na Itália, e as consequências políticas e sociais que nossa participação no conflito reverberou” (ROQUE, 2018), apontam para disputas de forças sociais pelo poder em torno da memória coletiva (LE GOFF, 1984), no pós-Guerra.

O gênero biográfico, e os estudos microanalíticos de trajetórias singulares, nos oferecem a possibilidade de identificar o papel dos indivíduos na construção dos laços sociais (CHARTIER, 1994), bem como “revelar problemas de ordem mais geral, trazendo novas questões sobre determinadas épocas” (GINZBURG, 1991). As cartas de José Jerônimo, como artefatos autobiográficos, são exemplares da historicidade inerente à experiência individual. E revelam, para além do icônico combatente, a face de um jovem sensível e talentoso, capaz de enfrentar os horrores da guerra com a jovialidade do estudante de arquitetura, nascido e criado na Praia de Icaraí, em Niterói.

Escrever a vida é um horizonte inacessível que, no entanto, sempre estimula o desejo de narrar e compreender. O desafio dos protagonistas em relatar a vida em particular, sob a experiência-limite da guerra, “revelam os horizontes cotidianos de quem as vivenciou e a maneira como esta é rememorada e narrada por intermédio das cartas. A biografia dá ao leitor a ilusão de um acesso direto ao passado” (DOSSE, 2015, p. 13). Isso é necessário, porque “a escrita das lembranças está bem próxima do movimento em direção ao outro e da alteração do eu rumo à construção de um si transformando em outro” (RICOEUR, 1990).

Nesse sentido, biografias de militares e políticos são fartos nos episódios de conflito, através da documentação governamental disponível para análise dos discursos e decisões sob o ponto de vista estratégico. Contudo, as impressões diárias trocadas entre pessoas comuns são um dilema para quem

preserva a memória vivida de acordo com o ambiente da maior tensão que a humanidade já experimentou. Com o passar dos anos, “o mergulho na vida civil afastava cada um dos que tivesse vínculo com o mundo militar” (SCHNAIDERMAN, 2015, p. 93). O assunto ainda mobiliza pessoas e cidades inteiras ao redor do globo. Cartas de soldados soviéticos que combateram durante a Segunda Guerra Mundial (1939 – 1945) começaram a chegar a seus familiares quase 80 anos depois de enviadas, declarou a vice-presidente Svetlana Kolodkina, em Chebarkul, no sul da Rússia:

As mensagens foram encontradas na sede de um correio a ser fechado. No pacote havia 75 cartas enviadas em 1943. Decidimos procurar os familiares dos soldados. Criamos um grupo chamado 'Carta dos 43' na rede social, e publicamos a lista de endereços. Atualmente, já foram encontradas 10 famílias que reconheceram seus familiares na lista. Hoje mesmo, duas pessoas ligaram e disseram que são seus bisavôs, e querem vir buscar a carta, indicou (RECORD, 2019).

Em paralelo, existem publicações de cartas e diários de militares do Exército Brasileiro (EB) e da Força Aérea Brasileira (FAB). Pelos combatentes do EB, foram publicados os trechos de cartas e telegramas descritos por Paulo Vidal – Heróis esquecidos (VIDAL, 1960); uma passagem sobre as impressões das cartas e telegramas pelo correspondente de guerra Rubem Braga (BRAGA, 1985); as observações de um sargento da artilharia da Força Expedicionária Brasileira (FEB) de origem ucraniana, intituladas, então, de Caderno Italiano (SCHNAIDERMAN, 2015). Podemos considerar, também, “os Cadernos de Guerra, de Carlos Scliar, como sendo uma obra que retrata um traço econômico e tenso, que caracteriza seus desenhos dos anos da FEB, e o olhar às coisas simples, cotidianas, feitas pelos homens” (SCLIAR, 2020). Por parte da FAB, foram publicados, pela C&R editora, quatro volumes sobre memórias de pilotos ao redor do mundo. No Brasil, foram lançados os livros Senta a púa! (LIMA, 1980); Diário de guerra de um piloto de caça (RAMOS, 2006); e Cartas de um piloto de caça (PIRES, 2012).

A Segunda Guerra Mundial impactou para muito além da vida, da sociedade dos beligerantes, dos soldados e de suas famílias. A logística, a mobilização dos homens e das correspondências foi objeto de consideração dos fatores morais dos envolvidos. O objetivo principal foi elevar o moral das tropas e dos civis em esforço de guerra, para que o lado de quem escreve e de quem lê funcionem em sinergia. A falta de comunicação, por cartas ou telegramas, implicou em sérias consequências para as pessoas que não receberam a notícia esperada. “Chegou correio” é uma frase que mobiliza mais gente que qualquer ordem de general aliado ou inimigo (BRAGA, 1985, p. 55).

Escolhemos fazer a análise através das cartas do aspirante a oficial José Jerônimo de Mesquita (1923 –1944), para entender a sua rápida trajetória entre a vida civil, a mobilização e a atuação na linha de frente na primeira fase da FEB. O tenente² Mesquita, como é normalmente conhecido e citado, viveu apenas 20 anos. Iniciou a vida militar, em 1943, como aluno do Núcleo de Preparação dos Oficiais da Reserva (NPOR). As cartas estão publicadas na obra “Vozes e ecos” (JOPPERT, 2011), fato que elimina restrições sob o ponto de vista legal quanto à privacidade e à propriedade (VASCONCELLOS, 2008). Os relatos escritos e desenhados por José Jerônimo abordou detalhes técnicos castrenses além de se ater à vida privada e do cotidiano desde a sua chegada à Nápoles, até o Vale do Rio Serchio, em outubro de 1944.

O escopo do artigo envolveu as ações protagonizadas por José Jerônimo no alistamento, no voluntariado para ser combatente e as ações realizadas por ele na Itália. Nesse período, estava vigente no Brasil o Estado Novo³. Certos de que a publicação das cartas pode conter edições por amigos e familiares, a análise contemplou a ideia de seleção dos momentos que estes gostariam que fossem destacados na experiência do aspirante com os leitores.

² O aspirante Mesquita foi promovido por bravura *post mortem* mediante decreto em 3 de fevereiro de 1945 (CORREIO DA MANHÃ, 1945, p. 12).

³ O Estado Novo (1937-1945) foi um regime de exceção com um projeto de modernização do Estado por meio da racionalização da administração pública, do fortalecimento estrutural das forças armadas e do incentivo à industrialização de base. No plano político, o período ficou marcado pelo fechamento do Congresso Nacional e na intervenção direta do poder central sobre os estados da federação.

2. MÉTODOS

O estudo foi composto por uma análise documental para compor parte da genealogia do aspirante José Jerônimo de Mesquita, bem como pela busca dos arquivos nas seguintes unidades do Exército Brasileiro: Centro de Preparação de Oficiais da Reserva (CPOR) do Rio de Janeiro, sítio onde está parte do acervo documental do aspirante José Jerônimo de Mesquita; Arquivo Histórico do Exército, local onde está disponível o acervo das unidades extintas da Força Terrestre, entre as quais se destaca o 3º Regimento de Infantaria⁴, quartel que abrigou o Núcleo de Preparação de Oficiais da Reserva (NPOR), cuja sede era em Niterói, RJ; e Academia Militar das Agulhas Negras, local onde estão disponíveis alguns manuais militares utilizados no conflito.

Além disso, foram localizados documentos na Associação dos Oficiais da Reserva do Exército, na Associação dos Ex-Combatentes da FEB e nos jornais das décadas de 1940, 1950 e 1960, os últimos disponíveis na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Ademais, foram analisados os relatórios da Seção de Base Peninsular do Exército dos Estados Unidos da América, responsável pelo transporte e suprimento das tropas brasileiras em solo italiano. Ainda, foi realizada uma revisão bibliográfica sobre as cartas dos combatentes brasileiros que atuaram na Segunda Guerra Mundial na Biblioteca do Exército. Foram utilizadas também para essa análise, fontes primárias e obras raras do acervo da FEB, existentes no Arquivo Histórico do Exército (AHEx).

2.1. O alistamento de José Jerônimo e o Brasil do “Estado Novo”

O ambiente que José Jerônimo estava inserido antes do contato com as forças armadas passou por rápidas transformações. Em plena ditadura varguista, as negociações sobre o posicionamento geopolítico estavam a todo vapor. Germanófilos⁵ e americanófilos disputavam o interesse brasileiro em aliar-se aos propósitos políticos e à doutrina militar. Em 1940, ano que as “tensões internas atingiram o seu ápice, por ameaças integralistas e da *quinta coluna*⁶ deixavam o Governo de Getúlio Vargas com a atenção voltada a prevenir golpes de estado” (MC CANN, 1995, p. 197). Além disso, as tensões externas envolvendo a Argentina⁷ e a Grã – Bretanha⁸ forçaram uma atitude mais incisiva dos EUA perante o seu principal aliado. Como resultado, a aliança do Brasil com os Estados Unidos ainda estava incerta até a declaração de guerra ao Eixo, em 22 de agosto de 1942. A proposta brasileira “estava centrada na construção da usina siderúrgica de Volta Redonda e do equipamento das forças armadas, mediante um contrato de arrendamento (*Lend Lease act*), o qual indenizaria 35% do custo total” (MC CANN, 1995, p. 212). Em contrapartida os Estados Unidos da América poderiam organizar um grupamento no saliente nordestino⁹ e a aquisição de insumos para a indústria de guerra norte-americana. Em junho de 1941, as autoridades norte-americanas sondaram o governo brasileiro no sentido de obter seu consentimento para o envio de tropas ao Nordeste brasileiro:

A essa altura, Roosevelt jogava com a hipótese de um ataque alemão ao hemisfério através de Natal. Dutra mostrou-se contrário à proposta, concordando apenas com a vinda de oficiais norte-americanos para a formação da Comissão Mista Brasil-EUA. Aranha endossou a opinião de Góis

⁴ O 3º Regimento de Infantaria, também denominado Regimento Araribóia, foi remodelado e transferido para a cidade de Barcelos, no estado do Amazonas. Contudo, o acervo documental das antigas sedes situadas no bairro da Urca, Rio de Janeiro (RJ) e Niterói (RJ) foram destinados para o Arquivo Histórico do Exército.

⁵ O general Góes Monteiro visitou os EUA em junho de 1939, priorizando a ida ao vizinho americano em detrimento a convites idênticos feitos pelos governos do Eixo. Apesar disso, parte da imprensa norte-americana deu-lhe a alcunha de germanófilo — um eufemismo para nazista — pelo fato de não ter concordado com os planos militares norte-americanos em território brasileiro (PEREIRA, 2015).

⁶ Durante a Segunda Guerra Mundial, foi utilizado com intuito de se referir àqueles que agiam sub-repticiamente, preparando ajuda em caso de invasão ou fazendo espionagem e propaganda em favor do Eixo (CPDOC, s/d.)

⁷ A Argentina reforçou as guarnições militares ao longo das fronteiras com o Brasil (MC CANN, 1995, p. 210; 222).

⁸ Aprisionamento do navio mercante Siqueira Campos, com canhões *Krupp* comprados da Alemanha antes da guerra (MC CANN, 1995, p. 196).

⁹ A Zona de Guerra do Saliente Nordeste compreendeu a região costeira dos Estados do Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco e Alagoas (NOTICIÁRIO DO EXÉRCITO, 2013).

Monteiro de que a proposta norte-americana acarretaria a queda de qualquer governo (BRANDI, s/d).

Entretanto, a sequência de afundamentos de navios mercantes brasileiros por submarinos alemães contribuiu para acelerar o alinhamento político Brasil – EUA. O Brasil se comprometeu a ajudar a defender as Américas e a autorizar seu uso por outros países do continente e ainda a organizar a defesa da costa brasileira. Os Estados Unidos, por seu turno, prometeram empregar suas tropas em defesa do Brasil e auxiliar o país com armamentos.

O Rio de Janeiro acompanhou atentamente o desenrolar dos acontecimentos. “Os cariocas, em especial os estudantes, não pouparam esforços para definir uma opinião contrária ao Eixo” (MC CANN, 1995, p. 202). Até que afinal “Ernani do Amaral Peixoto, interventor do Estado do Rio de Janeiro, promoveu uma forte manifestação pró-aliados em Niterói, em 29 de junho de 1942 e determinado prender agentes do Eixo e silenciar as estações de rádio” (MC CANN, 1995, p. 224). Dentre esses estudantes supracitados de Niterói, estava o José Jerônimo de Mesquita. Nascido em 22 de novembro de 1923, “José era descrito como um rapaz alegre, físico atlético, medindo cerca de 1,88 de altura, e de uma linhagem bastante distinta” (VIDAL, 1960, p. 130).

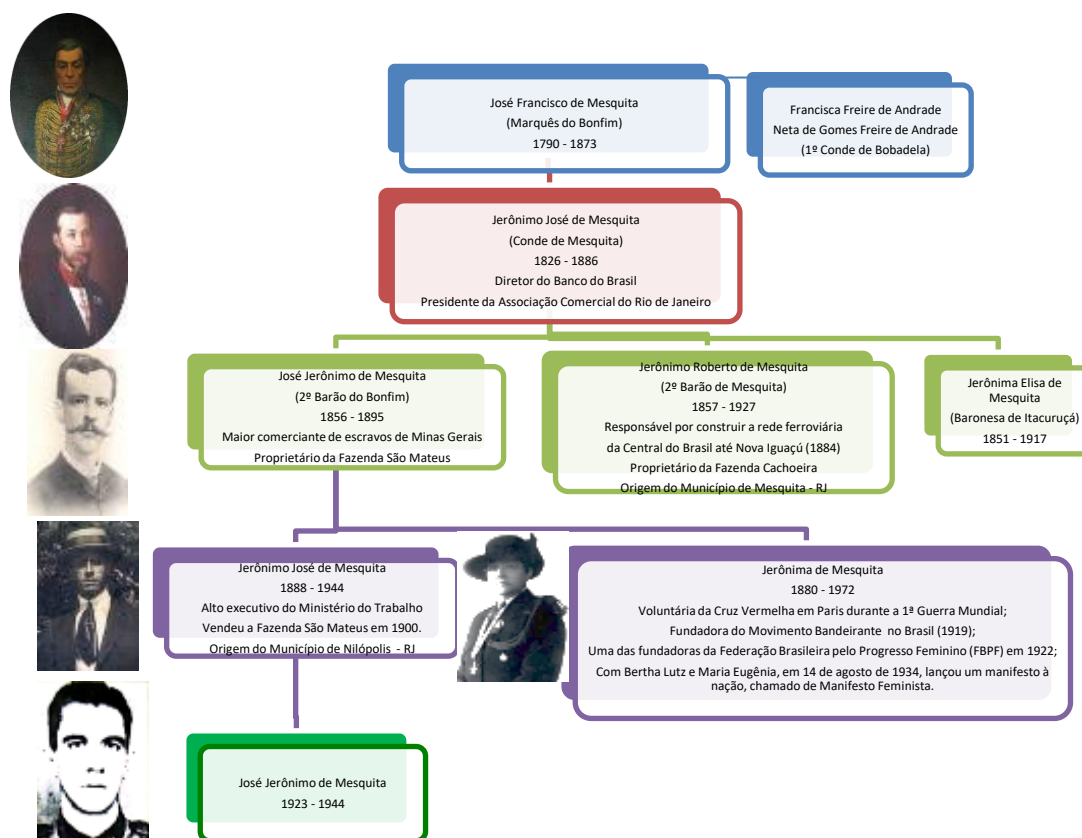
Imagem 1 – José Jerônimo de Mesquita



Fonte: acervo da família Mesquita.

Filho primogênito de Maria Luiza Avé Precht e Jerônimo de Mesquita, a tradição familiar remonta, pelo lado materno, às artes e às letras, e pelo lado paterno, à formação do Império do Brasil. Trineto do Marquês do Bonfim (1790 – 1873), era descendente das seguintes personalidades públicas, conforme figura a seguir:

Imagem 2 – Genealogia da família Mesquita



Fontes: acervo da família Mesquita; CPOR – RJ (2002); NOGUEIRA (2019); www.geni.com.

José Jerônimo de Mesquita alistou-se em 1941, na cidade de Niterói. Ele foi aluno do curso superior de Arquitetura da Escola Nacional de Belas Artes¹⁰ e, por esse motivo, poderia ser direcionado ao Centro de Preparação dos Oficiais da Reserva (CPOR). Apesar de ter sido idealizada em 1921 por um decreto próprio (BRASIL, 1921), o CPOR só foi autorizado formalmente pelo Exército Brasileiro em 1927. O Centro destina, até os dias atuais, a reserva mobilizável dos oficiais subalternos (tenente) do EB. A formação curricular até o ano de 1941 era de até três anos, conforme o Regulamento para a admissão no Corpo de oficiais da reserva:

Art. 2º - O centro será constituído de cursos de instrução das armas de Infantaria Cavalaria e Artilharia; distribuído o ensino por 3 anos em períodos de 4 meses no mínimo, e de modo abranger sucessivamente as escolas de soldado de graduado cabos e sargentos e de Comandante de pelotão.

§1º - O início dos trabalhos em cada ano coincidirá aproximadamente com o do ano letivo acadêmico, sendo os exames relativos a cada período realizado de modo a se conciliarem as exigências do curso militar com as escolares.

Art. 3º - Os candidatos aprovados no curso de Comandante de pelotão receberão respectivo certificado e serão considerados aptos para o estágio de três meses em um corpo da respectiva arma (BRASIL, 1927).

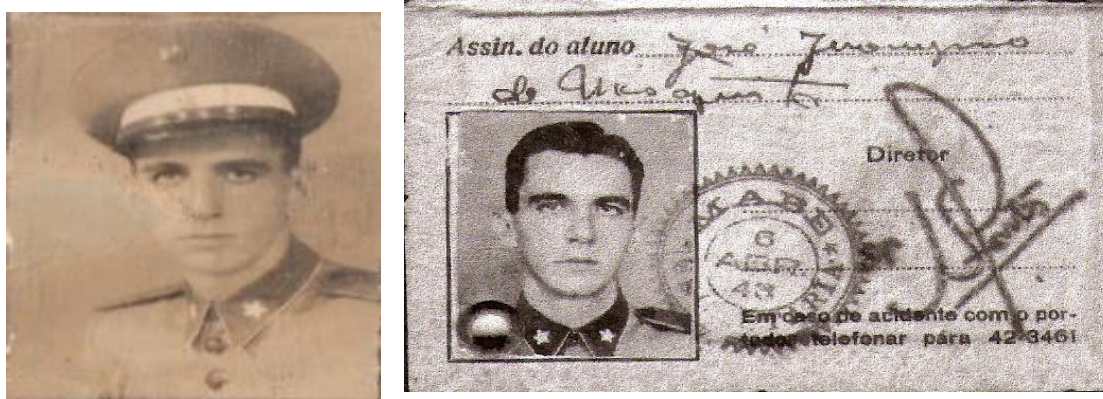
No entanto, o currículo escolar sofreu mudanças por ocasião dos esforços de guerra. Em 1942, a habilitação de um oficial da reserva passou para apenas um ano. Adicionalmente, foram criados NPOR para as localidades que

¹⁰ O CPOR é destinado a formar candidatos a oficial da 2ª classe da reserva do Exército, entre os alunos e titulados das escolas superiores da Capital Federal (BRASIL, 1927).

conseguiam matricular, no mínimo, 10 alunos. Nesse mesmo ano, o Presidente Getúlio Vargas decretou a possibilidade de reversão ao serviço ativo aos militares formados nos CPOR e NPOR (BRASIL, 1942a).

Nesse contexto, o voluntário José Jerônimo foi matriculado no NPOR, localizado no anexo do 3º Regimento de Infantaria (3º RI), na cidade de São Gonçalo, em 1943. O aspirante realizou o curso normalmente, conciliando as atividades castrenses com os estudos na Escola Nacional de Belas Artes.

Imagem 3: Foto do aspirante Mesquita e cópia da identificação militar



Fonte: acervo da família Mesquita.

Ao final do curso, “o aspirante Mesquita foi considerado indispensável à instrução dos soldados no Núcleo – mercê dos seus conhecimentos especializados principalmente de desenho de armas modernas’ (DIÁRIO DA NOITE, 1944, p. 16). Concluiu a formação de oficial da reserva da arma de Infantaria em dezembro de 1943.

Embora tivesse o pendor e a habilidade para o desenho técnico, José Jerônimo imediatamente pleiteou sua inclusão como voluntário para ir à guerra. A diretriz de mobilização contemplou o 3º RI somente com um pelotão de polícia militar¹¹. Além do aspirante Mesquita, outros oficiais do regimento também desejavam integrar a FEB, como o aspirante Lúcio Marçal Ferreira, amigo inseparável que o acompanhou em todas as etapas da formação. Será lembrado mais adiante, ainda nesse artigo.

No decorrer da mobilização, contudo, os critérios foram modificados. A prioridade da convocação de oficiais de carreira alterou-se para a convocação expressiva de oficiais da reserva para os postos de oficiais subalternos¹², representando, “naqueles postos de aspirante, segundo e primeiro tenente 27% dos regimentos de Infantaria” (CASTELLO BRANCO, 1960, p. 142). O procedimento de convocação individual e voluntariado apenas nas 1ª, 2ª, 4ª e 9ª Regiões Militares¹³ “passou a fazer-se, simultaneamente, em todo o território nacional, para atender aos patrióticos apelos que partiam de todos os recantos do país” (CASTELLO BRANCO, 1960, p. 137).

Durante os preparativos para enviar o 1º Escalão da FEB, o aspirante Mesquita “insistiu com amigos e procurou oficiais influentes junto ao Ministério da Guerra” (VIDAL, 1960, p. 130). Ademais, procurou o General Zenóbio da Costa, comandante do Grupamento Tático (GT), fazendo-lhe um pedido para que o incorporasse à tropa

¹¹ Em 5 de fevereiro de 1944, através do Boletim Reservado do Exército nº 188 – Especial, foi definida a primeira composição do Pelotão de Polícia Militar, semelhante à *Military Platoon Police* norte-americana (BRASIL, 1944).

¹² Para o preenchimento das funções de comandante de subunidade (companhia) das armas, comissionaram-se, nos postos de capitães, os 1º tenentes das turmas de 1936 e 1937 da Escola Militar do Realengo (EMR). Com esse inesperado acesso, os pelotões, compostos por 30 homens, ficaram entregues a oficiais recém-saídos da EMR. Os oficiais da reserva que completaram a equipe dos comandantes de pelotões apresentavam maiores deficiências, embora muitos, por esforço próprio, tenham se revelado ótimos combatentes (CASTELLO BRANCO, 1960, p. 132 – 133).

¹³ 1ª Região Militar: Rio de Janeiro e Espírito Santo; 2ª Região Militar: São Paulo; 4ª Região Militar: Minas Gerais; e 9ª Região Militar: Mato Grosso.

que partiria em breve (DIÁRIO DA NOITE, 1944, p. 16). As unidades selecionadas para a FEB estavam instaladas desde março¹⁴ de 1944 na Capital Federal, realizaram o treinamento. Como José estava na reserva, não realizou a maior parte do estágio de capacitação da FEB no Brasil, porque estava licenciado desde dezembro de 1943.

Contudo, foi convocado em 6 de maio de 1944 para apresentar a documentação e os exames médicos. Em conclusão, por exercer influência política, apesar de estar vinculado ao 3º RI, José Jerônimo foi incluído na sétima companhia do 3º Batalhão do 6º Regimento de Infantaria (7ª do III/6º RI). Essa unidade estava sediada no município de Caçapava, a cargo da 2ª Região Militar, em São Paulo. O aspirante Mesquita recebeu a designação para comandar o segundo pelotão de Fuzileiros (2º Pel Fuz). Em sua primeira mensagem, telegrafou ao pai, contando o feito: CONVOCADO HOJE FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA GRANDE ALEGRIA. ABRAÇOS (CASTRO, 2002, p. 2).

O telegrama ao pai, que estava em Araruama, demonstrou o entusiasmo por conseguir ingressar no primeiro contingente da FEB. As chances de um oficial da reserva participar, naquele momento, eram bastante reduzidas, visto que o preparo e treinamento dos oficiais formados na EMR era superior ao que era oferecido no NPOR. No entanto, José Jerônimo utilizou a influência política da família para persuadir políticos e militares influentes. Logrou êxito no pleito de integrar o primeiro escalão comandando o 2º Pel Fuz, partindo para a Itália no dia 2 de julho de 1944.

2.2 A viagem de José Jerônimo para a Itália

Após o rápido telegrama enviado para o seu pai, as cartas escritas por José Jerônimo foram escritas na viagem até Nápoles e em solo italiano. A partir de agora, entram em cena as correspondências escritas por Mesquita ao “velho” amigo de infância Levy Menezes. Flávio Joppert, sobrinho – neto de Levy, publicou a transcrição integral das cartas recebidas da Itália. O pronomes de tratamento “velho” era bastante utilizado à época entre amigos e para os que tinham precedência hierárquica,¹⁵ na caserna. Joppert relembrou na primeira correspondência entre os dois, datada de 17 de julho de 1944¹⁶, as histórias vividas por seu tio – avô em companhia de José Jerônimo:

Tio Levy foi amigo do Mesquita. Contava-me as façanhas, as festas, as fantasias, o sítio de Burle Marx e as grandes festanças lá. Nada parecia prever os anos tristes de guerra que estavam por vir. Todos se alegravam até que a última lembrança são as cartas da frente de batalha agora transcritas (JOPPERT, 2011, p. 2).

A partida do primeiro escalão da FEB ocorreu no dia 2 de julho de 1944, menos de dois meses após a convocação do aspirante Mesquita. A descrição da viagem feita por José Jerônimo sintetizou o ambiente quase claustrofóbico imposto pela rotina do navio *U.S. General Mann*:

Escrevo-te pela primeira vez depois de ter chegado são e salvo no dia em que fui extraído a *fórceps*. A vida aqui é de guerra e não posso te dizer onde estou, mas você gostaria muito se aqui estivesse. Procure aproveitar bem a vida hoje. (JOPPERT, 2011, p. 3).

¹⁴ O 6º RI estava acantonado nas instalações do Derby Club, Vila Militar (CASTELLO BRANCO, 1960, p. 144).

¹⁵ Segundo Rubem Braga, o cumprimento utilizando “velho” era realizado frequentemente por oficiais aos praças (sargentos, cabos e soldados), mas era vedada a mesma saudação em sentido inverso (BRAGA, 1985).

¹⁶ Data da chegada do primeiro escalão ao porto de Nápoles. Provavelmente, por ter farto conteúdo, essa primeira correspondência foi escrita ao longo da viagem para ser postada logo que chegasse ao destino, segundo o qual a tripulação não tinha ciência por questões de segurança. Contudo, ironicamente, “a Rádio *British Broadcast Channel* anunciou para o mundo todo a passagem de um navio com o contingente brasileiro pelo Estreito de Gibraltar, causando um grande susto na tripulação do *U. S. General Mann*” (BARONE, 2013, p. 129).

A viagem de quinze dias a bordo do navio norte-americano foi um estágio inicial de aprendizado sobre a mobilização e a logística empregada em estado de guerra. Por imposição da disciplina no uso dos recursos, “somente os tripulantes que estavam de serviço de faxina, policiamento e vigilância tiveram direito a três refeições por dia” (FARIA e PEREIRA, 2018, p. 109 - 110). Os demais ocupantes do navio faziam jus a duas refeições: a primeira às nove horas da manhã e outra refeição às quatro da tarde. A culinária adocicada norte-americana não agradou os pracinhas. O choque cultural ficou em evidência:

Nessa época, o país apresentava um padrão de alimentação bem distinto entre as suas regiões. Porém, existiam aspectos comuns entre elas como o trinômio feijão – arroz – farinha de mandioca; a realização de cinco refeições diárias e a utilização de condimentos específicos. Logo na primeira refeição, a tropa foi oficialmente apresentada à alimentação agridoce norte-americana, contrário ao gosto predominantemente salgado das refeições brasileiras (FARIA e PEREIRA, 2018, p. 105 - 109).

Ainda, no interior do navio, os tripulantes eram submetidos aos desígnios do mar. A rotina incluía deixar os pracinhas trancafiados em apertados compartimentos sob uma penumbra que somente permitia ver dois ou três companheiros bem próximos. A fraca iluminação vermelha teve a finalidade de permitir aos atiradores que estavam de prontidão acessar os postos de combate com plena adaptação visual para realizar os disparos. O acesso ao convés do navio era vedado na parte da noite e o lixo era descartado em um horário específico, para evitar a aproximação de submarinos alemães.

O banho também era diferenciado: somente os praças tinham acesso à água doce. Até os oficiais tomavam duchas de água salgada para se refrescar (BRAGA, 1985). O odor provocado pela água salgada e pelo suor nauseou parte dos tripulantes no início da viagem. O forte calor, mesmo à noite, obrigava os pracinhas a ficar de cuecas ou *shorts* quase o tempo todo em que estavam confinados. Tais características corroboram, por um lado, com parte da argumentação de José Jerônimo na sua primeira carta ao amigo de infância.

Por outro lado, “os “turistas”, tripulantes que não estavam de serviço na guarnição do navio” (FARIA e PEREIRA, 2018, p. 110), tiveram bastante tempo para estudar outros idiomas. Como a guerra estava em território estrangeiro, e a força aliada possuía inúmeras nacionalidades, aprender outras línguas era uma das atividades mais realizadas. Esse detalhe foi contado por Mesquita em trecho de carta:

Tens recebido carta do moleque Derichen? E da turma toda? Estou com dois amigos nas duas partes do mundo: um nos Estados Unidos e outro na Europa. Que cartas! Já falo em inglês a ponto de pedir e ouvir o que quiser. O italiano, então, já falo um bocado! Vou voltar de Deus ou o Diabo permitir um poliglota (JOPPERT, 2011, p. 3 - 4).

A produção fotográfica foi outro componente de distração na jornada de quinze dias pelo mar. O intuito de mostrar o orgulho de pertencer à FEB para familiares e amigos mereceu a atenção e os *flashes* dos fotógrafos e cinegrafistas. Rubem Braga ironicamente apontou que, pela quantidade de fotos e filmagens que foram feitas, teria que existir um navio para carregar os rolos de filme utilizados (BRAGA, 1985). Nessa oportunidade, em trecho de carta, Mesquita sinalizou os supostos registros: “Quando vires algum filme da FEB procure – me, pois saí todos eles. **O cinegrafista era amigo do Marçal** (grifo nosso). O Marçal vai bem só está com uma *bolagem* (sic) na língua, já sabe porquê. É um ótimo amigo” (JOPPERT, 2001, p. 3).

O tom da narrativa, diferente das cartas que são escritas aos familiares¹⁷, é de uma conversa aberta entre amigos íntimos. Detalhes confidenciais sobre os relacionamentos amorosos vêm à tona, demonstrando a fase da juventude contrastada pela experiência de guerra, onde a ciência de que pode morrer a qualquer momento da campanha impeliu jovens como ele a viver momentos especiais. Apesar de estar comprometido em um noivado, José comenta sobre as possibilidades de relacionamento:

¹⁷ “Algumas cartas de José eram alegres e confiantes, em que ele se dizia saudosos de nós todos e reafirmava sempre o seu espírito idealista puro e sincero” (VIDAL, 1960, p. 131).

Pergunte se receberam carta minha. Viste a Jurema? Ainda não escrevi para ela, mas também eu fui ficar noivo. Acho que vou casar com uma italiana. Aqui é *prá* cabeça (as italianas são bonitas, comentário nosso). E nem podes calcular o que se faz com um maço de cigarros ou um sabonete que é a moeda corrente aqui. Peço-te que me mandes um pacote do bom “Continental” (JOPPERT, 2011, p. 3).

Portanto, a experiência vivida pelo jovem aspirante nos dias de viagem a Nápoles inspirou mudanças na maneira de pensar e interagir com familiares e amigos. A adaptação exigida no trajeto representou o início de uma nova concepção doutrinária. De acordo com Manoel Thomaz Castello Branco, a instrução foi um grande obstáculo a ser vencido, pois não se tratava de simples reexame do ensino, mas do estudo completo de novas técnicas e processos (CASTELLO BRANCO, 1960, p. 146). A transformação encontraria a mediana durante fase seguinte: a preparação do Grupamento Tático.

2.3 A preparação para a batalha: impressões na redação de José Jerônimo

A extrema pobreza causada pelo ambiente arrasado em Nápoles causou a comoção de muitos pracinhas. Na percepção de José Jerônimo, a carestia observada desde sua chegada a Nápoles não passou em branco. Mesmo vindo de família nobre, Mesquita traçou indicadores ao amigo Levy sobre em que medida estava aquela população acossada pelos *tedescos*¹⁸:

Não calculas o que seja a guerra, não reclames carne, manteiga, casa nem nada; pois eu tenho visto um bocado de miséria desde que sair daí. Assassina-se por uma ponta de cigarro. E outras coisas que te contarei se voltar. A vida civil, comparada com a dos daqui, é o paraíso terrestre esse nosso Brasil (JOPPERT, 2011, p. 3).

A chegada em Nápoles no dia 17 de julho marcou o primeiro contato com o grande desdobramento logístico. A Seção de Base Peninsular (SBP), grande escalão voltado ao transporte e suprimento do V Exército dos EUA, ficou responsável pela logística. A permanência em Astroni marcou o início do período de quase total adaptação logística aos moldes norte-americanos. As primeiras impressões da disparidade material foram logo sentidas. O fardamento e o equipamento eram inadequados para o uso no rigoroso inverno europeu, cabendo à SBP o apoio direto aos pracinhas:

O pracinha também sentiu vergonha. Ao chegar à Itália, verificou que as peças de seu fardamento eram tão ordinárias que as jogou fora – ou vendeu por uma ninharia para os italianos. Vergonha por não ter sido providenciada proteção eficiente para seus pés – ele, o infante, que tanto andava na neve. Vergonha por ter recebido uma capa de chuva que, ainda no Rio, recebeu o apelido de “Deus permita que não chova”. Mestre pracinha recebeu, em substituição à japona verde-oliva, **um excelente capote marrom, americano – o que serviu para diferenciá-los dos alemães, que tinham uniformes semelhantes aos nossos, principalmente na cor** (grifo nosso). Essa semelhança de uniformes causou inúmeros aborrecimentos pois, já na primavera, quando o pracinha usou o “Zé Carioca” – uniforme de brim verde-oliva, foi confundido pelos italianos com os alemães (VIDAL, 1960, p. 21-22).

Esse período de adaptação marcou um hiato na escrita das cartas para o amigo Levy. Somente em 30 de setembro de 1944, um mês e meio após a primeira carta, José Jerônimo enviou 2 novas correspondências. O 6º RI

¹⁸ O significado remete ao povo germânico, tudesco.

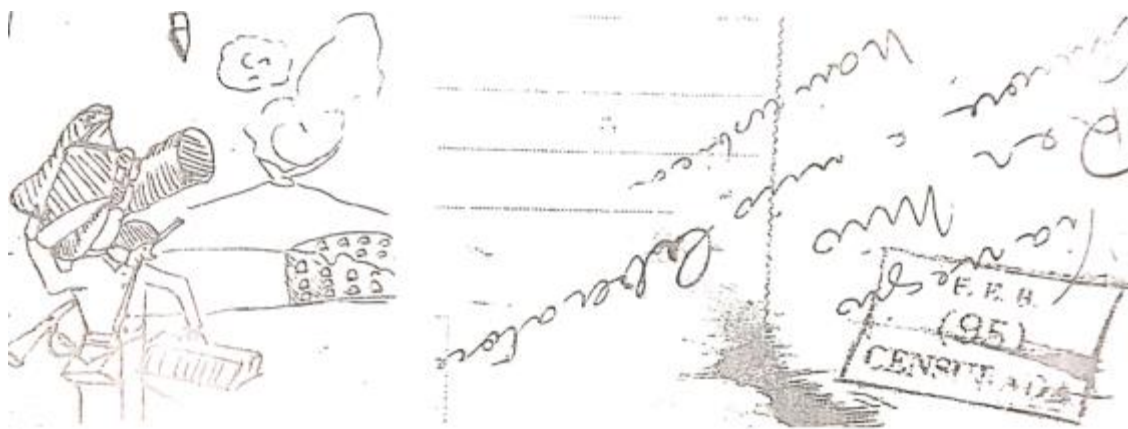
estava em combate desde 15 de setembro de 1944 no norte da Itália. A primeira fase da FEB compreendeu nas ações ofensivas empreendidas pelo Grupamento Tático, no Vale do Rio Serchio, noroeste da Itália.

3. RESULTADOS

3.1 Os combates, a morte e a saudade: prismas sobre as correspondências em torno do aspirante Mesquita.

Na segunda correspondência de 30 de setembro, a primeira frase que chamou a atenção foi o “cumprimento” ao “censor amigo” (JOPPERT, 2011, p. 8). As cartas dos pracinhas eram revisadas por três níveis de triagem: a “operacional”, com o objetivo de verificar se os militares estavam informando detalhes das operações; a verificação da conduta tomada pelos soldados em território italiano; e a triagem ideológica feita pelo Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP). O DIP era responsável pelas diretrizes e execuções da propaganda do Estado Novo e vetava cartas que faziam críticas ao governo de Getúlio Vargas. Na oportunidade, José Jerônimo relatou o descontentamento em ter várias cartas censuradas. “Ao censor: é isso mesmo meu chato – ficas aí na retaguarda e não deixas passar nem uma piada. Tomara, ou Deus queira, ou o 88 alemão¹⁹ vá te buscar por aí” (JOPPERT, 2011, p. 10). Logo, o conteúdo das cartas era direcionado aos assuntos do cotidiano e dos vínculos afetivos entre soldados e seus entes queridos.

Imagem 4: desenho da 1ª carta de 30 de setembro de 1944 e recorte de carta censurada pela FEB



Fonte: JOPPERT, 2011, p. 18-19.

Em relatos emocionados, José sinaliza os primeiros indicadores da saudade dos amigos e da noiva e relata as primeiras impressões das cenas de combate direto com os alemães:

Não imagina a satisfação que tive ao acordar dentro do meu *fox-hole*²⁰, apesar de não ter dormido a noite inteira devido ao 88 alemão. Receber logo duas cartas tuas pode estar certo que tive um imenso prazer e como vez apesar das granadas estarem caindo perto eu ponho logo a responder (JOPPERT, 2011, p. 8).

¹⁹ Canhão alemão *Flak* 88 milímetros.

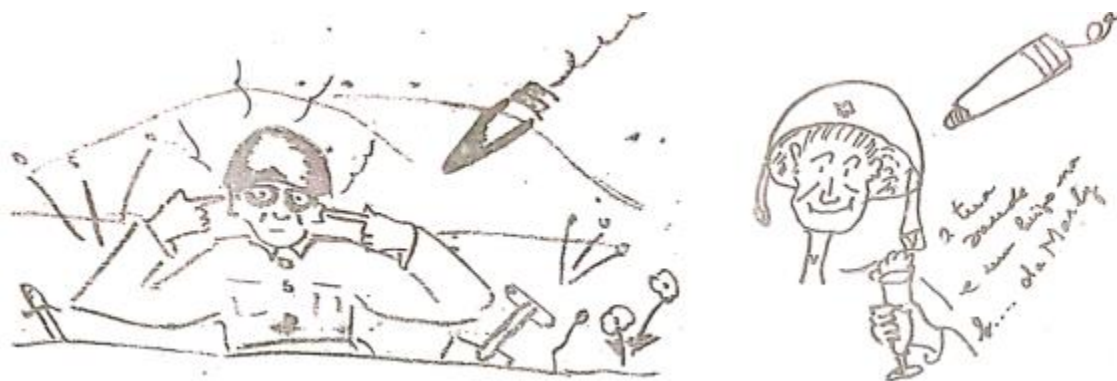
²⁰ O *fox-hole*, ou a “toca da raposa” era um buraco cavado no solo pedregoso das montanhas italianas. Esse local era destinado para quem estava muito próximos do inimigo, entre 100 e 200 metros. Com temperaturas frequentemente abaixo de zero e muita neve, o pracinha não podia fazer fogueira, sob o risco de ter a toca explodida por granadas lançadas por morteiros ou pela artilharia alemã. Assim, era extremamente penoso permanecer por um longo período nesse local, com registros frequentes de gangrena e micoses profundas nos pés.

Além dos familiares e amigos, Mesquita se correspondia com estrangeiros que estavam lutando em outras regiões. Contudo, o destino das correspondências estava condicionado à censura dos dados estritamente militares. O impacto sobre a moral dos combatentes, seja pela presença ou ausência de cartas era perceptível. Nesse escopo, Heloísa Pires destaca um trecho de conversa escrita pelo piloto de caça Fernando Corrêa Rocha sobre o valor de uma carta que chega ao *front*:

Agora vocês sabem meu endereço novo, me escrevam sempre. Não vocês dois (os pais), pois sempre foram *on the ball* quanto à correspondência, mas o pessoal miúdo não dá sinal de vida. O Mocellin (outro Aviador) e seu amigo do Brasil recebe uma carta por semana, o que me dá uma bruta inveja. Tem dias que eu pagaria 100 *greens* (dólares) por uma carta de casa. Faça um aí na família uma campanha a meu favor pedindo mais cartas para soldados. Isso ajuda muito a nossa moral (PIRES, 2012, p. 87).

Tanto a carta destinada ao aspirante no *front*, quanto para piloto que executou missões de combate possuem uma influência moral, com a finalidade de encorajar e confortar a pessoa destinada legalmente para matar. O exercício cívico da violência apresentada assume componentes complexos quando o assunto é o viés psicológico, o qual “Max Weber procurou nela uma perspectiva universalizante” (BIANCHI, 2014, p. 83). Pelo menos 302 dos 870 oficiais subalternos de Infantaria eram da reserva, muitos deles profissionais liberais na vida civil. Os líderes de pelotão eram, “com frequência, muito mais jovens que seus comandados, mas, consideradas a idade e a falta de experiência com unidades regulares do Exército, saíram-se bem” (MC CANN, 1995, p. 289).

Imagem 5: desenhos da segunda carta, de 30 de setembro de 1944 – um combatente no *fox-hole*



Fonte: JOPPERT, 2001, p. 17-18.

Dessa forma, apesar da “análise psicológica dos combatentes não ser o ideal dentro do estágio mobilizador” (CASTELLO BRANCO, 1960, p. 140; MC CANN, 1995, p. 289 - 290), o estado geral era satisfatório. Assim, as cartas assumiram o *ethos* integrador entre o combatente e o mundo em volta, manifestando o apoio àquela ação extrema de combater o inimigo. Nas imagens acima, a da esquerda apresenta a tensão de estar na linha de frente nos primeiros dias. O desenho mostra os olhos arregalados, a ausência de sorriso nos lábios e os dedos indicadores tapando os ouvidos. A expressão é de certo medo nos campos do norte italiano, onde a pá e a baioneta revezam a atenção do militar que está dentro de um buraco. As flores denotam que, apesar do frio, ainda não estava nevando. A jaqueta de combate totalmente fechada também ajudou compor a cena dos primeiros combates protagonizados pelo 6º RI.

As ações do GT que se seguiram aumentaram o espírito de euforia nas tropas da FEB. A primeira linha de objetivos foi atingida, com a saída dos *tedescos* das localidades de Massarosa, Camaiore e Monte Prano. A sétima companhia, sob intensos fogos de artilharia, participou de uma manobra improvisada para cortar as comunicações e os suprimentos inimigos ao último objetivo. Em consequência, fez vários prisioneiros e forçou uma companhia da 42ª Divisão Ligeira alemã a retrair de todas as posições naquela área. Esses progressos geraram um ambiente de contagiante entusiasmo nos pracinhas. Na manhã de 26 de setembro todos os objetivos foram conquistados.

Nesse ponto, percebeu – se que o desenho do aspirante Mesquita à direita demonstra um semblante mais tranquilo. Embora a granada de artilharia ainda esteja sobre a sua cabeça, o gesto é de confiança, em que o esboço exibe o sorriso nos lábios e um brinde acompanhado de uma mensagem escrita de saudação informal entre amigos. A confiança ficou também registrada nos escritos de José Jerônimo:

Levy, já entrei em combate e podes dizer a turma que o meu pelotão foi o primeiro. Entrei em contato com o inimigo, e fiz, de saída, nove prisioneiros dando uma avançada louca. Pergunta se eu já tinha postos olhos **nos (...)** vou esperar esta explodir para continuar (ele estava escrevendo ao alcance dos morteiros alemães, comentário nosso). Explodiu. **Nos prisioneiros alemães** e respondo que eu mesmo já os fiz. Novidades de outras frentes eu não sei. Custa ver notícias de cartas e ainda não recebi resposta. (JOPPERT, 2011, p. 9).

A escrita das cartas no momento do combate demonstra a importância que estas possuem no contexto biopsicossocial dos combatentes. Entre uma granada *tedesca* e outra; entre um avanço e outro do 2º Pelotão de Fuzileiros, Mesquita escreveu as suas correspondências e fez desenhos. As cobranças formuladas em carta a respeito de informações sobre outros combates apresenta a vontade em saber como andam as operações militares no contexto geral da guerra.

O aspirante Lúcio Marçal Ferreira novamente foi assunto para a escrita de Mesquita. Único amigo do 3º RI que conseguiu ser convocado para a FEB, foi alvo de brincadeiras nas cartas. A fluência do idioma inglês e as aventuras amorosas do companheiro recebiam a análise e os comentários de José Jerônimo, como observa-se a seguir:

Estou comandando pelotão de fuzileiros, mas o Marçal agora é S4, isto é, oficial de suprimento do batalhão. Vai bem e sempre metendo a língua em tudo. O Marçal está amigado com uma “gringa” e está cada vez mais afiado na língua. (JOPPERT, 2011, p. 9 – 12).

Além das cartas, as mensagens de telegramas eram caminhos bastante utilizados para fazer chegar a notícia. Para fins de padronizar a escrita de milhares de mensagens curtas por dia, o comando aliado e o serviço postal adotaram a numeração de 124 frases pré-estabelecidas, a um custo de 60 libras por sentença de três números escolhidos. Rubem Braga (1985) ofereceu mais detalhes sobre as percepções da dinâmica em torno das comunicações numeradas:

Eles versam sobre os seguintes assuntos: correspondência, saudações de Natal e Ano-novo, saúde, promoção, dinheiro, felicitações e miscelânea. Ah! Isso é pouco. Podemos mandar dizer à amada: “Saudades” (número 29), e isso é alguma coisa, mas a muitos não satisfaz. Um sargento de artilharia, em crise de saudades, gastou 180 libras e mandou três telegramas iguais: 29-29-29; 29-29-29; 29-29-29 (BRAGA, 1985, p. 55).

O telegrama é mais rápido e as frases escolhidas foram o compêndio objetivo do que a maioria escreveu entre o som de tiros e explosões. José Jerônimo, nas cartas transcritas por Flávio Joppert (2011), passou instruções para que o amigo Levy escrevesse um cartão contendo frases sintéticas, acompanhadas por uma caixa de orquídeas à sua noiva Maria.

Amigo Levy.

Envio-te 200 réis para que me faças o favor de comprar e enviar para o seguinte endereço: (...) Mas olha lá, sabes como sou e quero um “troço traquejado” (serviço bem feito, comentário nosso). Mande um cartão assim:

Itália, 30 de setembro de 1944:

Para que não me esqueças e me espera sempre.

Mesquita. (JOPPERT, 2011, p. 7. Grifos do autor).

As duas frases sublinhadas são muito semelhantes ao rol de mensagens disponíveis para compra no serviço postal. A praticidade e a objetividade foram importantes aliadas para os combatentes que estavam em contato direto com o inimigo. O aspirante Mesquita, em uma das cartas no mês de outubro, escreveu que esteve vários dias debaixo do fogo de artilharia e que já teve um capacete de aço rachado por um estilhaço de granada de 88 milímetros. Adicionalmente, em outra carta, José Jerônimo faz planos com o dinheiro que está recebendo. Ele pretendia, caso retornasse ao Brasil, coisa que achava difícil, dado o risco que estava correndo, concluir o plano:

Podes ir estudando a planta para ser construída em Ponta Negra. Casa com sala, dois quartos, banheiro, cozinha e uma varanda. Coisa pequena, mas bem confortável. Não me incomodo de gastar uns trinta contos, mas quero um recanto onde se pode ficar alheio de tudo, ter uma boa geladeira (...) o que achas? Uma varanda envidraçada. Aliás, a sala envidrada dando para o mar. Uma boa pequena (garota), umas tintas, telas, e ficar de papo para o ar. Acho que, se voltar, será uma boa vida para nós. Pretendo comprar uma barata (carro de passeio) e vai estar para nós a vida sem dar bola para ninguém. Peço-te que estudes um projeto e me envia pode ir apressando material e calculando a “*moamba*” (JOPPERT, 2011, p. 11).

Após um breve repouso na retaguarda, o aspirante retornou à linha de frente. A nova missão era, basicamente, a mesma: buscar o contato com o inimigo. No entanto, a área destinada era bem maior e mais montanhosa, compreendendo o oeste do Vale do Rio Serchio. O objetivo era capturar a localidade de Castelnuovo de Garfagnana, um reduto fortemente defendido por elementos da 42ª Divisão Ligeira. Além disso, choveu sem cessar por dias consecutivos. As operações iniciaram-se no dia 5 de outubro, com a “7ª companhia ocupando o vilarejo de Bolognana” (CASTELLO BRANCO, 1960, p. 199). Analisando os relatos apresentados em carta com o relatório do tenente-coronel Castello Branco, infere-se que o 2º Pelotão de Fuzileiros comandado pelo aspirante Mesquita repeliu integrantes do 40º RI alemão:

Amigo velho.

Estou bem, graças a Deus. Não me julgue que me tornei católico, são maneiras de dizer. Apesar de estar debaixo de fogo há muito tempo, e tenho andado como o diabo, conto que já topei a “parada” com os alemães várias vezes, e, até hoje, sempre tive a melhor. Ainda ontem, eu ia numa patrulha, quando alcancei a crista de um morro. Avistei, do outro lado, uma patrulha alemã composta por 16 homens. Espalhei a minha patrulha e, bem na crista, fiquei esperando os ‘brutos’, que vinham como anjos, em nossa direção. Arma a tiracolo, fumando, e talvez pensando nas “*fraulein*” distantes.

Deixei-os chegar até uns vinte metros, tendo antes mandado cada homem escolher um, sendo que o da frente era meu. Nem queiras saber o “carnal” que foi quando, imagina só, descarreguei todo o carregador da minha *Thompson* 45. Nunca ouvi tanto tiro, pois eles nem tiveram tempo de reagir. E o meu pessoal estava com uma grana danada e até granada soltaram nos alemães. Quando olhei, parecia um dia de gala um necrotério²¹.

Mas quase que também levo a breca, pois, quase que imediatamente, eles começaram a cagar a crista onde eu estava com morteiro e tive que recuar antes que a putada regulasse o tiro, chegando ileso com toda a patrulha (JOPPERT, 2011, p. 14).

A ofensiva do 2º Pel Fuz repeliu “quinze homens, deixando quatro alemães mortos e um ferido, que foi aprisionado e identificado como pertencente ao 1º Batalhão do 40º RI” (CASTELLO BRANCO, 1960, p. 200). A impressão contida nos trechos da última carta escrita por Mesquita foi de que praticamente toda a patrulha alemã teria sido dizimada. Embora sejam relatos escritos por carta, vale lembrar a respeito da metodologia da história oral:

²¹ Era uma referência aos acidentes de trem que ocorriam na Central do Brasil à época.

Os historiadores de outrora, grosso modo, de Heródoto à escola alemã do último terço do século XIX utilizavam as contribuições da "testemunha digna de fé". Mas os rigores da escola positivista, ao mesmo tempo em que acentuavam as desconfianças em relação ao presente, pouco a pouco cristalizaram e fixaram uma recusa ao sujeito que testemunha, cujas palavras seriam ontologicamente não confiáveis. Isso os levou a confiar somente no material escrito. Duas razões de natureza diferente explicam essa mudança. Primeiro, parecia que a expressão por escrito dava o depoimento um caráter de exterioridade, já que opera um distanciamento das afirmações, objetivando-as. Segundo, atribuía-se ao material escrito o mérito da transparência, não de maneira intrínseca, mas em virtude de uma constante possibilidade de referência, de verificação e de retorno, e até mesmo de contradição. Com a evolução da disciplina no decorrer do século XX, reavivou-se o interesse pela testemunha ocular, cujas potencialidades descritivas, narrativas e mesmo explicativas na escrita da história foram reconhecidas (VOLDMAN, 2006, p. 34 – 35).

Além disso, “a nova história militar contribuiu para simultaneamente forjar novas direções de pesquisa e promover novas interpretações para antigas questões” (CASTRO, ISECKSOHN, KRAAY, 2004, p. 24). A história do aspirante Mesquita, embora esteja inserida nos relatórios de seus comandantes, ainda não houve, por parte institucional, uma preocupação em formar uma história oficial que contemplasse as ações realizadas. A história militar tradicional, de viés patriótico, é praticada desde o século XIX com algumas variações. No entanto, “muito do que tem sido denominado como “a nova história militar” enfatiza a vida cotidiana e a experiência pessoal de soldados” (CASTRO, ISECKSOHN, KRAAY, 2004, p. 27). Os soldados possuem fortes conexões com a sociedade civil, seja em tempo de paz, como em tempo de guerra. E essa interação gerou impactos na vida de ambos.

Trazemos isso à baila para contextualizar o processo de embrutecimento causado pela estressante atuação na linha de frente. O ambiente caótico generalizado foi capaz de transformar a mentalidade de José Jerônimo. Em uma das cartas escritas antes de partir para a segunda fase de operações no Vale do Rio Serchio, faz um comentário sobre a população italiana que estava sendo libertada pelo contingente brasileiro:

Aproveitando um pequeno descanso na retaguarda (dois quilômetros dos alemães), depois de duros combates, “podes crer”, aproveito a paz que aqui reina “bem relativa”, pois hoje pela minha cabeça passaram centenas de quilos de ferro fundido e torneada na direção dos boxes. E escutando falar dos moradores do lugar, gentis *carcamanos* e *carcamanas*, que me “aporrinham” de manhã à noite assim:

Tedeschi portarre tutti, Paizan uma cigarette, una scatolleta. Puche Tedeschi non borini? Puche Tedeschi portare tutti per Germani, tutti grano, tutti scarpe, tutti senhoritas etc. Troços que estou escutando desde Nápoles.

Nunca vi raça tão desprezível e ordinária. Não vale uma lira das antigas (JOUSSERT, 2011, p. 8).

A exposição prolongada e quase ininterrupta aos horrores da guerra marcou uma nova mudança sobre o que estava sendo visto por Mesquita. De um sentimento de comoção nas cartas iniciais, a argumentação apresentou a perda da sensibilidade gradual das atrocidades à medida que avançava como ponta de lança no campo de batalha. O aspirante esteve na vanguarda desde o primeiro dia de operações do GT, tendo atuação destacada à testa de seu pelotão em várias ocasiões. Logo, os italianos que estavam sob o jugo dos *tedescos* naquela região, descrita como “terra de ninguém”, tinham como primeiro contato as patrulhas de Infantaria aliadas, como as que estavam sendo comandadas por ele. Assim, Mesquita era uma das primeiras pessoas a ouvir e ver o desespero daquelas pessoas. Somado à isso, o “descanso” que ele estava tendo entre as fases da batalha era muito próxima à área que estava patrulhando. Esse fator espacial não permitiu um desligamento, mesmo que temporário, do alto desgaste psicológico com que foi submetido em campanha.

Após o repouso de alguns dias, o 2º Pel Fuz retomou a ofensiva com o objetivo de ocupar a porção sudoeste do Monte San Quirico, a cinco quilômetros de Castelnuovo de Garfagnana, objetivo final do GT. Isso motivou “o alongamento da linha de frente sem o apropriado uso das reservas” (CASTELLO BRANCO, 1960, p. 202-204). Esta situação foi agravada “pela dificuldade de ressurgimento por caminhos devido à precariedade das estradas e

pelas chuvas torrenciais que ocorreram naquela região” (BRASIL, 1944, p. 60). O pelotão do aspirante Mesquita teve que retornar na fase anterior em Monte Faeto por falta de munição, problema recorrente em virtude dos óbices de ordem logística.

A nova partida era tida como temerária por parte do general Crittenberger. Contudo, o estado de ânimo das tropas e do comandante do GT, general Zenóbio da Costa, era de otimismo, porque estavam muito próximos do objetivo e, até aquele momento, as forças brasileiras haviam vencido todos os embates contra os alemães. Em consequência, o pelotão, após uma longa e exaustiva caminhada sob forte chuva, atingiu o Monte San Quirico por volta da meia noite do dia 30 para 31 de outubro. Após rápido reconhecimento do local, prepararam o bivaque na encosta do morro. No entorno, havia mais pelotões da sétima companhia, porém sem a adequada ligação entre as frações. O relatório do Capitão Hélio Portocarrero Castro, comandante da sétima companhia, ofereceu mais detalhes:

Por volta das 3 da madrugada, o inimigo desfechou um forte contra-ataque na ala oeste da 3ª Companhia do I/6º RI e da 7ª Companhia do III/6º RI. Dois pelotões da 7ª Cia retraíram, abrindo uma brecha no dispositivo aliado. Em virtude da situação desvantajosa em que foram encontradas as duas companhias da direita, foi determinado que elas retraíssem para Somocolônia, a dois quilômetros a sudeste de suas posições. Porém, o 2º Pel Fuz, inteiramente só, permaneceu e reagiu ao ataque das tropas de choque da SS, vinculadas à 232 Divisão de Infantaria alemã. O aspirante Mesquita, defendeu frontalmente com o dispositivo do seu pelotão. Durante o combate corpo a corpo, caiu mortalmente ferido, vítima de uma rajada de metralhadora, seguida de uma explosão causada por uma “*boop-trap*”²² (CASTRO, 2002, p. 2).

Em face da morte do Comandante do 2º Pel Fuz, seu adjunto, o 2º Sargento Romano, assumiu o comando e prosseguiu a luta até receber ordem para retrair, assim como havia sido feito pelos demais pelotões da sétima companhia. O corpo do primeiro oficial morto da FEB em combate ficou insepulto por bastante tempo em um campo minado, na “terra de ninguém”. O tenente Lúcio Marçal Ferreira, através de informações de italianos residentes na região, recolheu o corpo do dileto amigo somente após o fim da Guerra. O corpo insepulto estava em bom estado de conservação em função da neve que permaneceu na região (CASTRO, 2002; CASTELLO BRANCO; 1960).

Enquanto isso, no Brasil, a família ficou apreensiva por não receber mais cartas de José Jerônimo. Embora o ambiente escrito nos jornais fosse de otimismo e de orgulho, a ausência de correspondências marcou um espírito de apreensão em torno de como estava o primogênito nos campos da Itália. Em entrevista ao ex-pracinha Paulo Vidal, dona Maria Luiza, em capítulo intitulado “Meu menino ficou na Itália”, “lembrou das últimas palavras em sua partida: – Mamãe a senhora é que me ensinou a não ser medroso, não chore, por favor” (VIDAL, 1960, p. 130). O angustiante silêncio antecedeu o telegrama do Ministro da Guerra em 25 de novembro de 1944, no qual lamentava comunicar que José estava desaparecido no campo de batalha. Seu pai não resistiu a notícia e veio a falecer um mês depois. Dona Maria Luiza, então grávida, precisou ser internada para seguir com a gravidez, pois entrara em depressão. Meses mais tarde, Maria Luiza recebeu o comunicado oficial da morte, e as quatro medalhas que José conquistou. Alquebrada pelos duros golpes, e mãe de uma criança recém-nascida, “seguiu na educação dos oito filhos, ensinando-lhes os valores pelos quais José Jerônimo dedicou a vida, o amor pela pátria, e pelas causas da liberdade e da justiça” (VIDAL, 1960, p. 131).

4. CONCLUSÃO

As cartas trocadas entre o aspirante José Jerônimo de Mesquita e a sua rede de relacionamentos ajudam a contar a trajetória do primeiro contingente da FEB que embarcou para a Itália. As características e os problemas observados no regime ditatorial varguista do Estado Novo foram determinantes para a configuração do cenário político do Brasil perante o concerto das nações. A mobilização atabalhoada e às pressas do primeiro escalão permitiu o ingresso de militares da reserva com treinamento parco e desatualizado, calcado na doutrina francesa.

²² Mina antipessoal colocado como armadilha para os aliados.

Em consequência, aconteceram muitos problemas no roteiro do Grupamento Tático e, em particular, o 6º RI, onde o aspirante Mesquita comandava uma pequena fração na vanguarda.

Os relatos mostraram, ainda, as aspirações e os sentimentos de um combatente perante as novas experiências vividas em cenário de guerra. As trocas e as possibilidades de mudança repentina em um ambiente isolado contribuíram para uma rápida alteração no teor da comunicação escrita e iconográfica entre Mesquita e seus entes queridos. Mesmo encoberto pela censura das correspondências, os detalhes da rotina nas batalhas e nos “descansos” foram bastante sentidos.

Ao cruzar as informações das cartas com os relatórios dos comandantes militares, infere-se que José Jerônimo participou diretamente das principais mudanças sob o ponto de vista tático. A sua morte e o primeiro revés da FEB na Itália trouxeram ensinamentos sobre o emprego da reserva em combate e da importância da cadeia logística de suprimentos como mantenedora do poder de combate aliado. Embora a historiografia tenha contemplado pouquíssimas obras dedicadas às operações da primeira fase, no Vale do Rio Serchio, estas foram preponderantes para nortear as próximas ações do conflito.

Atualmente, as comemorações oficiais abordam a segunda fase da campanha em diante, como os eventos de Monte Castello, Montese e Collecchio e Fornovo como passos importantes da campanha. No entanto, o caminho percorrido por Mesquita ajudou a compreender a problemática da adaptação dos pracinhas em um local distante possuidor de cultura diversa. A internalização abrupta do *ethos* combatente moderno “dinamizou a maneira de se mover em um determinado espaço social, uma disciplina tácita do comportamento humano” (MAINGUENEAU, 2019, p. 18). Isso tornou-se “fundamental para a composição de um *habitus* específico para aquele contexto histórico” (BOURDIEU, 1983), sob o qual José Jerônimo, jovem de origem nobre, teve que se adequar rapidamente. De acordo com Jehovah Motta, “transformar é alterar a realidade ao mesmo tempo em que se muda a maneira de pensar; é crer no poder das ideias, nos limites da realidade e na capacidade infinita de os seres humanos buscarem novas formas de ser e de agir” (MOTTA, 1998, p. 59).

Para mais além, a transformação ocorreu nos familiares e amigos que sentem falta do soldado morto em combate, com a morte prematura do pai e a tristeza da mãe após a ausência das correspondências do filho, seguidos de telegramas institucionais explicando, gradativamente, o desfecho fatal. Adicionalmente, o Exército Brasileiro rendeu homenagens até o ano de 2002, com a declaração da Turma Tenente José Jerônimo de Mesquita aos aspirantes formados pelos CPOR e NPOR formados naquele ano. Porém, com a extinção do 3º Batalhão de Infantaria em São Gonçalo, as manifestações cessaram e parte do acervo foi restituída à família. Assim, as correspondências contribuíram para renovar a análise sobre os impactos na rede de relacionamentos e o legado trazido à historiografia atual com a análise do discurso das cartas sob um prisma inédito.

Referências

BARONE, João. *1942: o Brasil e sua guerra quase desconhecida*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013.

BIANCHI, Alvaro. O conceito de Estado em Max Weber. *Lua Nova*. São Paulo: Centro de Estudos de Cultura Contemporânea – CEDEC, 2014, n. 92, p. 79 – 104. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ln/n92/a04n92.pdf>>. Acesso em 19 fev. 2020.

BRANDI, Paulo. Getúlio Dornelles Vargas (verbete). Rio de Janeiro: CPDOC, s/d. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/getulio-dornelles-vargas>>. Acesso em 12 dez. 2019.

BRASIL. Ministério da Guerra. Exército Brasileiro. *Boletim do Exército n° 377, de 25 de abril de 1927*. Rio de Janeiro: CPOR/RJ, 1927.

BRASIL. Câmara dos Deputados. *Decreto-lei n° 4.130, de 26 de fevereiro de 1942*. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-4130-26-fevereiro-1942-414128-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em 18 dez. 2019.

BRASIL. Câmara dos Deputados. *9.403, de 18 de maio de 1942a*. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1940-1949/decreto-9403-18-maio-1942-468450-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em 20 dez. 2019.

BRASIL. Ministério da Guerra. Exército Brasileiro. *Livro Histórico do 1º Batalhão de Polícia do Exército (1º BPE)*. Rio de Janeiro: 1º BPE, 1944.

BRASIL. Ministério da Guerra. *Relatório do Ministério da Guerra de 1944*. Rio de Janeiro: AHEX, 1944.

BRAGA, Rubem. *Crônicas da Guerra na Itália*. Rio de Janeiro: Editora Record, 1985.

CARLOS Scliar. In: *Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras*. São Paulo: Itaú Cultural, 2020. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa9898/carlos-scliar>. Acesso em: 29 de fev. 2020.

CASTRO, Hélio Portocarrero. Não podemos esquecer-lo: um herói da FEB. In: *Revista Correia Lima*. Rio de Janeiro: CPOR, 2002, p. 2.

CASTELLO BRANCO, Manoel Thomaz. *O Brasil na segunda guerra Mundial*. Rio de Janeiro: Bibliex, 1960.

CHARTIER, Roger. A História FGV: dúvidas, desafios, propostas. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, Cpdoc/FGV, vol.7, n.13, 1994, p. 97-113.

CORREIO DA MANHÃ. *Decretos nas pastas da Guerra e de Marinha*. Distrito Federal: Correio da manhã, 3 fev. 1945, p. 12. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/Hotpage/HotpageBN.aspx?bib=089842_05&pagfis=26241&url=http://memoria.bn.br/docreader#. Acesso em: 9 dez. 2019.

DIÁRIO DA NOITE. *Notas e informações militares: Oficiais convocados*. Distrito Federal: Diário da Noite, 6 de maio de 1944, p. 3. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/Hotpage/HotpageBN.aspx?bib=221961_02&pagfis=25543&url=http://memoria.bn.br/docreader#. Acesso em: 10 dez. 2019.

DIÁRIO DA NOITE. *Esta espada não ficará enferrujada na bainha*. Distrito Federal: Diário da Noite, 1º de dezembro de 1944, p. 9-16. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/Hotpage/HotpageBN.aspx?bib=348970_04&pagfis=30084&url=http://memoria.bn.br/docreader#. Acesso em: 10 dez. 2019.

CPDOC. *Quinta coluna (verbetes)*. Disponível em: <
https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/glossario/quinta_coluna>. Acesso em: 18 jan. 2020.

DOSSE, François. *O desafio biográfico: escrever uma vida*. Tradução: Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015.

GINZBURG, Carlo. *A Micro-História e Outros Ensaio. Memória e Sociedade*. Lisboa, Difel, 1991.

FARIA, Durland Puppim; PEREIRA, Fabio da Silva. Alimentação dos soldados cariocas na Itália: um impacto cultural (1944-1945). In: *Revista do Arquivo Geral da Cidade do Rio De Janeiro*, v. 14. Rio de Janeiro: Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, 2018, p. 103 – 121. Disponível em: <
http://wpro.rio.rj.gov.br/revistaagcrj/wp-content/uploads/2018/09/AGCRJ_revista14-103-121.pdf>. Acesso em 19 set. 2019.

JOPPERT, Flavio. *Vozes & ecos: cartas de guerra transcritas*. Niterói: Flávio Joppert, 2011.

LE GOFF, Jacques. Verbetes “Memória”. *Enciclopédia Einaudi I*, Memória-História, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1984.

LEVI, Giovanni. “Sobre a Micro-História”. In: Burke, Peter. *A Escrita da História*. São Paulo, UNESP, 1992.

LIMA, Rui Moreira. *Senta a púa!* Rio de Janeiro: BiBliEx, 1980.

MAINGUENAU, Dominique. A propósito do ethos. In: MOTA, Ana Raquel; e SALGADO, Luciana (org.). *Ethos Discursivo*. São Paulo: Editora Contexto, 2019.

MC CANN, Frank D. *A aliança Brasil – Estados Unidos, 1937 – 1945*. Tradução de Jaime Tadei e José Lívio Dantas. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1995.

MESQUITA, José Francisco. 1º Marquês de Bonfim (1790 – 1873) *Geni.com online*. Disponível em:<
<https://www.geni.com/people/Jos%C3%A9-Francisco-Mesquita-1%C2%BA-Marques-de-Bonfim/6000000017564660297>>. Acesso em: 22 fev. 2020.

MESQUITA, José Jerônimo de. 2º barão do Bonfim (1856 – 1895). *Geni.com online*. Disponível em:<
<https://www.geni.com/people/Jos%C3%A9-Jer%C3%B4nimo-de-Mesquita-2%C2%BA-bar%C3%A3o-do-Bonfim/6000000017673183288>>. Acesso em: 22 fev. 2020.

MESQUITA, José Roberto de. 2º barão do Mesquita (1857 – 1927). *Sfreinobreza online*. Disponível em:<
<https://www.web.archive.org/web/20120825212333>>. Acesso em: 22 fev. 2020.

MESQUITA, Jerônimo José de. 1º Barão e Conde de Mesquita (1826 – 1886) *Geni.com online*. Disponível em:<
<https://www.geni.com/people/Jer%C3%B4nimo-Jos%C3%A9-de-Mesquita-conde-de-Mesquita/6000000017564202378>>. Acesso em: 22 fev. 2020.

MESQUITA, Jerônimo José de. *Geni.com online*. Disponível em:<
<https://www.geni.com/people/Jeronimo-Jos%C3%A9-de-Mesquita/6000000017673491626>>. Acesso em: 22 fev. 2020.

- MESQUITA, Jerônima de. *Geni.com online*. Disponível em:< <https://www.geni.com/people/Jer%C3%B4nima-de-Mesquita/6000000017673066567>>. Acesso em: 22 fev. 2020.
- MESQUITA, Jeronima Elisa de. Baronesa de Itacuruçá (1851 – 1917). *Geni.com online*. Disponível em:< <https://www.geni.com/people/Jeronima-Elisa-de-Mesquita-Baronesa-de-Itacuru%C3%A7%C3%A1/6000000017663941060>>. Acesso em: 22 fev. 2020.
- MOTTA, Jehovah. *Formação do Oficial do Exército*. Currículos e regimes da academia militar 1810-1944. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1998.
- NOGUEIRA, Natânia. *30 de abril é o Dia Nacional da Mulher, em homenagem à leopoldinense Jerônima Mesquita*. Leopoldina: Radio Jornal, 2019. Disponível em:< <https://radiojornal.net/noticia/472269/30-de-abril-e-o-dia-nacional-da-mulher-em-homenagem-a-leopoldinense-jeronima-mesquita> >. Acesso em: 23 fev. 2020.
- NOTICIÁRIO DO EXÉRCITO. *II Seminário Nacional sobre a participação do Brasil na 2ª Guerra Mundial*. Disponível em:< http://www.eb.mil.br/web/midia-imprensa/noticiario-do-exercito?p_p_id=56&p_p_lifecycle=0&p_p_state=maximized&p_p_mode=view&p_p_col_id=column-2&p_p_col_count=2&_56_groupId=16541&_56_articleId=3754541 >. Acesso em: 11 dez. 2019.
- PEREIRA, Durval Lourenço. Os "germanófilos". In: *Operação Brasil: O Ataque Alemão que mudou o curso da Segunda Guerra Mundial*. São Paulo: Editora Contexto, 2015. Disponível em:< <https://www.operacaobrasil.com/single-post/2015/01/19/Os-german%C3%B3filos> >. Acesso em: 11 dez. 2019.
- PIRES, Heloísa (org). *Cartas de um piloto de caça: O treinamento e o combate (1943 – 1944)*. Rio de Janeiro: Ouro sobre o azul, 2012.
- RAMOS, Roberto Pessoa. *Diário de guerra de um piloto de caça*. Rio de Janeiro: Adler Books, 2006. Disponível em:< <http://www.sentandoapua.com.br/portal3/phocadownloadpap/Documentos/diario.pdf> >. Acesso em: 12 dez. 2019.
- RECORD. *Cartas da 2ª Guerra chegam a parentes de soldados após 80 anos*. Disponível em:< <https://noticias.r7.com/internacional/cartas-da-2-guerra-chegam-a-parentes-de-soldados-apos-80-anos-28042019>>. Acesso em: 8 nov. 2019.
- RICOEUR, Paul. *Soi – même comme un autre*. Le Seuil, 1990.
- RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.
- ROQUE, Daniel Mata. *A Cobra vai filmar*. Rio de Janeiro, Autografia, 2018.
- SCHNAIDERMAN, Boris. *Caderno Italiano*. São Paulo: Perspectiva, 2015.
- VASCONCELLOS, Eliane: Intimidade das Confidências. In: *Teresa*. São Paulo: USP, nº 8 – 9, 2008, p. 372 – 389. Disponível em:< <https://www.revistas.usp.br/teresa/article/view/116762/114319> >. Acesso em: 17 out. 2019.

VIDAL, Paulo. *Heróis esquecidos*. Rio de Janeiro: Edições GRD, 1960.

VOLDMAN, Danièle. Definições e usos. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (org.). *Usos & abusos da história oral, 8ª edição*. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

Recebido em:

Aceito em:

Endereço para correspondência:

Nome

email



Esta obra está licenciada sob uma [Licença Creative Commons Attribution 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)